

arqueologia

especial
JEAN ROCHE - I

NÚMERO DOZE



arqueologia

publicação semestral editada pelo

GRUPO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS
DO PORTO (G.E.A.P.)

Ministério da Cultura

— Delegação Regional do Norte

Rua António Cardoso, 175

4100 PORTO — Portugal

director

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

conselho científico:

Jean Roche (Paleo-Mesolítico)

Eduardo da Cunha Serrão (Arq. pré-histórica)

Jorge de Alarcão (Arqueologia clássica)

Carlos Alberto F. de Almeida (Arq. medieval)

comissão redactorial:

Isabel Maria Figueiral — Joel Alves Cleto — Maria do
Rosário Ferreira — Maria Margarida Moreira — Maria
Suzana Faro da Costa

secretariado:

António Lourenço Carneiro — Fernanda Lopes Pe-
reira — Paula Mota Santos — Sérgio Ferreira Duarte

distribuidores:

Sul de Portugal: Vasco J. da Cunha Serrão

R. Academia Recreativa de Santo Amaro, 10-Cave
1300 Lisboa — Telef. 638962

Espanha: «Librouro»

R. Eduardo Iglésias, 12

Vigo — Galiza

composição: A. Alte da Veiga

R. Rui Faleiro, 148 — 4100 Porto — Telef. 670067

impressão: Org. Gráfica Maia Lopes, Lda.

R. de S. Brás, 337 — 4000 Porto

Telef. 492192/486108

preço avulso (Portugal): 750\$00

assinatura anual (dois números): 1.200\$00

tiragem: 1.000 exemplares

Solicita-se permuta — On prie l'échange — Exchange
wanted — Tauchverkehr erwünscht — Sollicitiamo
intercambio

Registos de imprensa n^{os}. 107738 e 207737

(Secretariado de Estado da Comunicação Social

— Direcção Geral da Informação)

ISSN 0870-2306

Capa: Vaso da estação da Bouça do Frade (Baíão),
no monumento da sua descoberta (escavações
e foto de Susana O. Jorge, 1984) (I. do Bron-
ze Final)

Contra-capas: Tanques de salga de peixe da estação
de Tróia, Setúbal (época romana) (foto de V.
O. Jorge)

O PALEOLÍTICO DO ANTIGO CAMPO DE AVIAÇÃO DE AMADORA

por G. Zbyszewski* e J.L. Cardoso**

1 — INTRODUÇÃO

Desde o descobrimento da estação paleolítica de Casal do Monte, por Joaquim Fontes (1910), que, mercê da actividade deste e doutros arqueólogos, como Vergílio Correia, Félix Alves Pereira, Mesquita de Figueiredo, Jean Olivier, Alves Costa, etc., em breve ficaria demonstrada a intensidade da ocupação paleolítica dos arredores de Lisboa, particularmente nítida nas áreas ocupadas pelos afloramentos de tufos e rochas basálticas, ou dos solos delas derivados. Tal facto, levou mesmo G. Zbyszewski a considerar essas zonas preferencialmente ocupadas pelas tribos paleolíticas, evitando os acidentados terrenos calcários cretácicos, igualmente bem representados na região da baixa península de Lisboa. Este aspecto encontra-se já evidenciado na «Carta paleolítica e epipaleolítica dos arredores de Lisboa», publicada na escala de 1/150 000 por A. do Paço (1932); contém cer-

ca de 100 jazidas, possuindo a do campo de aviação o número 102. Em 1940, este autor refere ao todo a existência de «97 estações, todas de superfície, algumas com abundantíssimo material» (A. do Paço, 1940, p. 138), possuindo a que agora se estuda, o número 111.

A recolha de artefactos paleolíticos em toda esta vasta região, tem sido até agora feita exclusivamente à superfície. Efectivamente, a única jazida com indícios de estratigrafia (e também a mais importante de todas as até agora conhecidas) — é a do Casal do Monte, recentemente destruída, não obstante tratar-se de monumento nacional (1). Verificando-se embora grande dispersão de materiais pela aludida área, é nítida a concentração de indústrias em determinados locais, constituindo por ve-

* Serviços Geológicos de Portugal, R. da Academia das Ciências, 19 — 2º., LISBOA.

** Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Av. Luísa Todi, 162, SETÚBAL.

zes manchas nos terrenos, bem patentes após os trabalhos agrícolas. Estes locais, correspondem certamente a vestígios do estacionamento ou acampamento temporário de pequenos grupos humanos, que a intensa agricultura de há vários séculos praticada, não conseguiu de todo apagar. Isto mesmo foi confirmado por um de nós (J.L. Cardoso, 1981), em jazida mustierense do Concelho de Cascais, através do levantamento rigoroso da posição de todos os artefactos no terreno, identicamente agrícolado. Daí que, embora desprovidas de interesse estratigráfico, se encare com interesse o estudo destas jazidas, se conduzido de maneira sistemática, por forma a obter-se conclusões gerais que o estudo desgarrado duma ou doutra não permite, constituindo este trabalho apenas ponto de partida para esse estudo. Sob este aspecto, deverão lembrar-se as palavras de H. Obermaier, citadas por A. do Paço (1940).

«... de todos modos seria lamentable ignorancia dae escasa importancia a estes sitios al aire libre, en una region en que el clima permitia al-hombre en todo tiempo, aun durante una epoca glaciari, viver al raso, motivo que explica verosimilmente que las viviendas al aire libre sean mucho más numerosas que las de las cuevas».

Contudo, tal estudo sistemático apresenta dificuldades importantes: por um lado, a crescente expansão urbana em torno da capital, destruiu, nos últimos vinte anos, numerosos locais, como os referenciados na zona de Carnaxide, Queluz de Baixo, Alfragide, Damaia, Buraca, etc. e de que a jazida de Casal do Monte é exemplo paradigmático; por outro lado, face à impossibilidade de efectuar novas colheitas de material representativo na maior parte delas (sujeitas de há muito às colheitas de fim de semana...), fica por demonstrar a representatividade das antigas colheitas, conservadas nos Serviços Geológicos de Portugal e no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pois é quase certo que tais materiais tenham sido triados ao gosto do colector (segundo critérios estéticos, como era uso na época), o que inviabiliza o tratamento estatístico dos conjuntos hoje conservados, que para tal teria de basear-se em diversas condições (Bordes, 1950):

- 1 — Conjuntos numerosos;
- 2 — Não triados;
- 3 — Homogéneos;
- 4 — Estatisticamente considerados.

Condições a que A. Tavoso (1976), acrescenta ainda as seguintes:

- 5 — Estações concentradas numa superfície restrita;
- 6 — Constituição de séries de litologia e estado físico homogéneos.

Tendo em conta as considerações anteriores, torna-se impossível uma definição das indústrias em apreço, desde que pretendida até à caracterização das «nuances» ou variações menores, só definíveis estatisticamente. No entanto, através da caracterização morfo-técnica e tipológica dos artefactos existentes, conjuntamente com outras considerações metodológicas, será possível delinear os traços gerais das indústrias presentes, publicando-se ou estudando-se um número razoável de jazidas, tentando-se simultaneamente recolher no terreno os elementos ainda possíveis, tarefa tornada urgente dada a progressiva descaracterização a que hoje se assiste desta região.

2 — ANÁLISE DOS MATERIAIS

Os materiais estudados na presente notícia, foram encontrados pelo falecido Eng^o. Alves Costa e por ele oferecidos ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, onde hoje se conservam. Situa-se a jazida à superfície de extenso afloramento do «Complexo basáltico de Lisboa» (fig. 2), numa zona muito rica em jazidas do mesmo tipo, como o Casal do Borel, Borel-Horta, Casal do Aldeiões, Moínhos de Alfragide, Casal do Brandão, Moínho da Atalaia, Casal da Serra, Neudel, A-da-Maia, etc. (fig. 1). A jazida do campo de aviação corresponde ao prolongamento lateral das jazidas de Casal do Borel e Borel-Horta, pesquisadas por Jean Olivier e por enquanto inéditas.

Nas páginas seguintes, descreve-se todo o material conservado nos Serviços Geológicos, indican-



Fig. 1 — Carta paleolítica dos arredores de Lisboa. A jazida do Campo de Aviação figura com o número 111 (A. do Paço, 1940).

do-se as suas características principais, tipologia e estado físico. Desta forma, foi possível distinguir três conjuntos de instrumentos, os dois primeiros mustierenses e o último, pouco numeroso, pós-paleolítico (?).

SÉRIE I — MUSTIERENSE — PEÇAS COM PÁTINA EÓLICA, FORTE COLORAÇÃO E BRILHO

- Uma lasca de quartzito castanho de técnica levallois, apresenta um reverso de plano de separação. Base espessa, com vestígios de bolbo. Plano de percussão facetado. Aresta longitudinal percorrendo a parte central do anverso. Secção transversal triangular. Bordo direito retocado, convexo. Bordo esquerdo afeiçãoado no reverso em raspador côncavo. Extremidade superior em forma de raspadeira, com pequeno bico.

Dimensões: 72mm X 47mm X 23mm.

Núcleos

- Um núcleo subdiscoidal alongado, mustierense, trabalhado nas duas faces e com pequenos retoques nos bordos.

Dimensões: 49mm X 42mm X 18mm.

«Tarière» (broca)

- Um instrumento triangular de sílex afeiçãoado em «tarière» na sua extremidade superior. Os dois bordos laterais do anverso são retocados em raspadores ligeiramente côncavos. Base transversal de plano de percussão retocada no reverso em pequena raspadeira. Reverso de plano de separação com bolbo na base (Fig. 5, nº. 13).

Dimensões: 31mm X 23mm X 7mm.

Raspadores simples rectilíneos

- Quatro raspadores simples dos quais 3 subrectilíneos.

Dimensões do maior, ligeiramente côncavo:

41mm X 32mm X 13mm.

Dimensões do menor com extremidade superior em forma de raspador transversal ligeiramente côncavo e um dos bordos com fractura recente:

28mm X 23mm X 7mm.

- Um raspador simples rectilíneo sobre lasca encurvada.

Dimensões: 37mm X 23mm X 10mm.

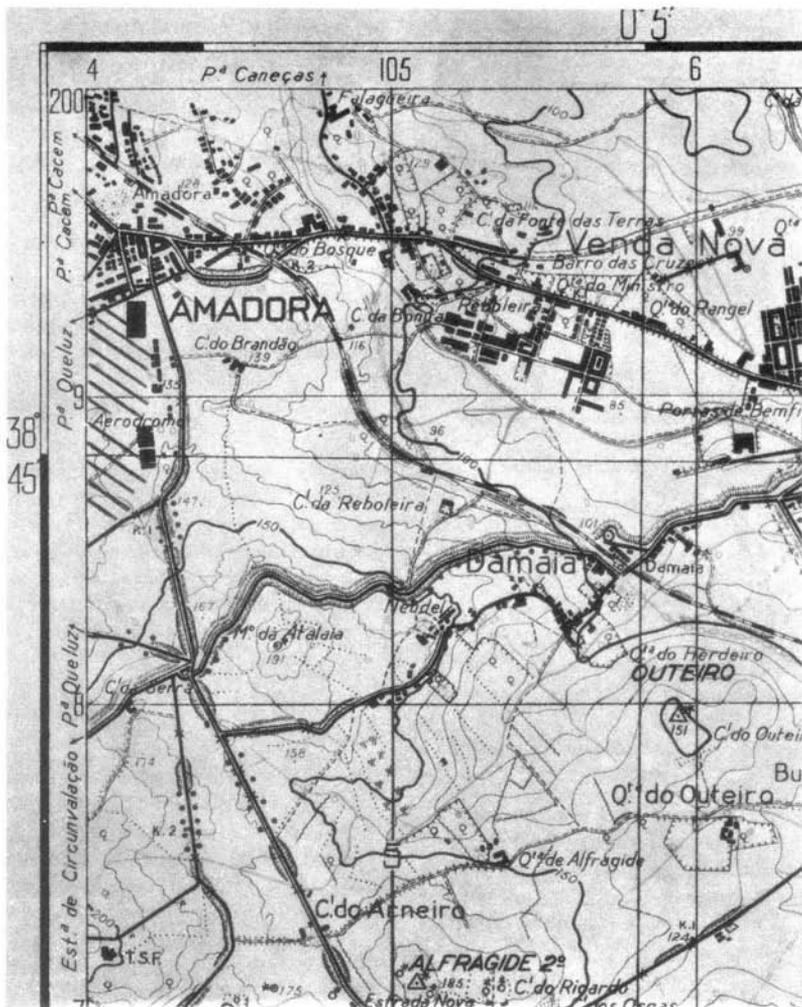


Fig. 2 — Localização do antigo Campo de Aviação da Amadora (a tracejado), na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000 (Folha 431), edição de 1949.

Raspadores simples convexos, retocados nos bordos esquerdos do anverso e bordo direito espesso às vezes rebaixado. O maior com base inclinada da direita para a esquerda, retocado em raspador, têm a extremidade superior em forma de buril espesso.

Dimensões do maior (Fig. 3, nº. 6):

58mm X 40mm X 20mm.

Dimensões do número 18, Fig. 6:

49mm X 33mm X 13mm.

Dimensões do número 4, Fig. 3 com bico aburilado:

33mm X 25mm X 12mm.

Dimensões do menor: 26mm X 20mm X 10mm.

Raspadores simples convexo-côncavos

- Uma lasca espessa e alongada tem um dos bordos laterais retocado em raspador simples convexo-côncavo. Extremidade superior ligeiramente retocada em raspadeira.

Dimensões: 48mm X 36mm X 13mm.

Raspadores duplos rectilíneos

- Um raspador duplo rectilíneo sobre pequena lasca quadrada, mais retocado no reverso.

Dimensões: 24mm X 21mm X 8mm.

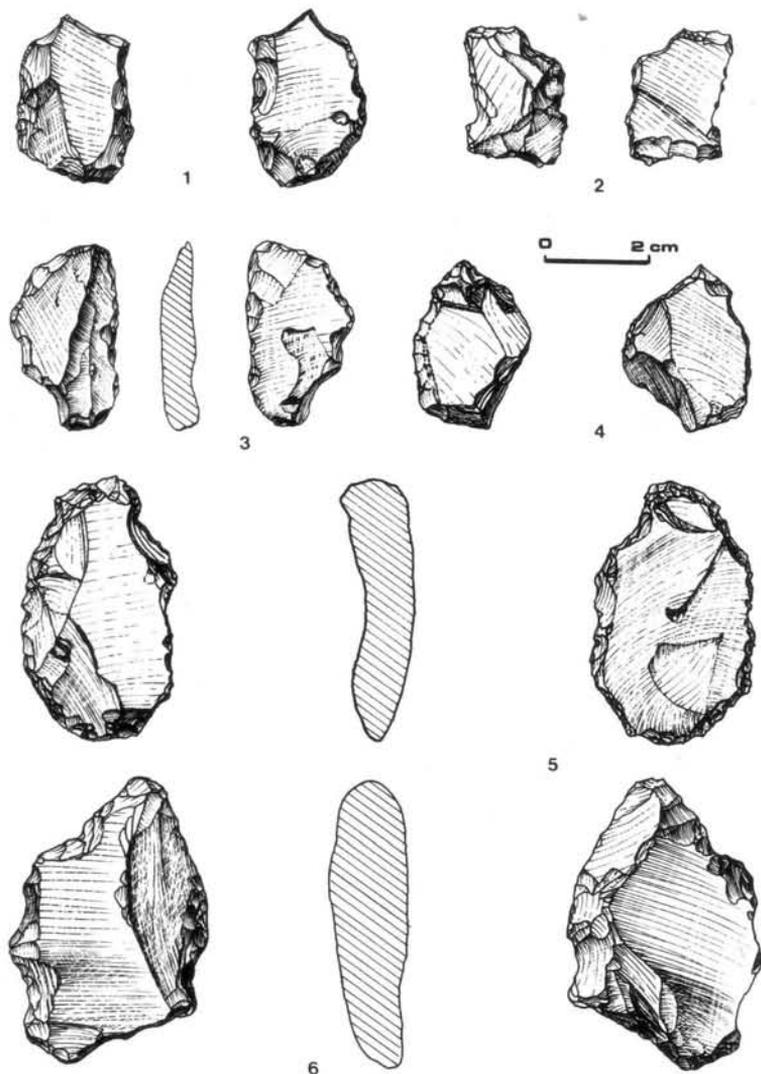


Fig. 3 — 1: Raspador duplo convexo-rectilíneo, denticulado, com ponta aburilada; 2: Raspador duplo convexo-côncavo; 3: Raspador duplo convexo-rectilíneo; 4: Raspador simples convexo com bico espesso em forma de buril; 5: Peça compósita afeiçoada em raspador e raspadeira; 6: Raspador simples convexo com ponta aburilada.

Raspadores duplos convexos e rectilíneos

- Um raspador duplo convexo-rectilíneo, com bordos retocados; extremidade superior afeiçoada em bico inclinado da direita para a esquerda. Base subtriangular retocada.

Dimensões: 48mm X 26mm X 12mm.

- Uma pequena lasca encurvada com base estreita e com vestígios de bolbo de percussão no reverso, de plano de separação. Anverso retocado nos bordos laterais pa-

ra servir de raspador duplo, convexo no bordo esquerdo e rectilíneo no bordo direito (Fig. 3, nº. 3).

Dimensões: 36mm X 21mm X 9mm.

- Uma lasca retocada em raspador duplo, convexo no bordo esquerdo e subrectilíneo, denticulado, no bordo direito, apresentando um bico aburilado na parte superior. Base transversal retocada, com vestígios de bolbo. Extremidade superior em ponta aburilada (Fig. 3, nº. 1).

Dimensões: 35mm X 25mm X 12mm.

- Uma lâmina de secção transversal triangular afeiçãoada em raspador duplo, com bordo esquerdo subrectilíneo e bordo direito ligeiramente convexo. Extremidade superior em ponta triangular aburilada. Reverso de plano de separação com bolbo na base (Fig. 6, nº. 17).

Dimensões: 41mm X 22mm X 11mm.

Raspadores duplos côncavos e rectilíneos

- Um raspador mustierense duplo, rectilíneo no bordo esquerdo do anverso e côncavo no bordo esquerdo do reverso. Extremidade superior transversal retocada.

Dimensões: 43mm X 31mm X 12mm.

- Uma lâmina estreita e alongada, ligeiramente encurvada da direita para a esquerda e de secção transversal subtriangular. Reverso com vestígios de córtex na parte superior e de plano de percussão na parte inferior. Anverso percorrido por aresta longitudinal central, retocado nos dois bordos laterais para servir de raspador duplo, subrectilíneo no bordo direito e côncavo no bordo esquerdo.

Dimensões: 46mm X 21mm X 14mm.

- Uma lasca alongada com extremidade superior em bico triangular afiado, inclinado para a esquerda. Bordos laterais retocados em raspador duplo-rectilíneo no bordo direito e convexo-côncavo denticulado no bordo esquerdo. O objecto apresenta duas patinas: I + II (Fig. 5, nº. 14).

Dimensões: 48mm X 28mm X 14mm.

- Um raspador duplo subtriangular com reverso de plano de separação. Anverso com vestígios de córtex. Retocado no bordo direito em raspador subrectilíneo e no bordo esquerdo em raspador côncavo. Base transversal subrectilínea.

Dimensões: 52mm X 48mm X 22mm.

Raspadores duplos convexos e côncavos

- Uma lasca estreita e alongada de secção transversal triangular com ponta triédrica em uma das extremidades. Retocada nos bordos laterais em raspador duplo convexo e côncavo.

Dimensões: 43mm X 17mm X 15mm.

- Um raspador duplo com base afeiçãoada em raspadeira e extremidade superior de secção transversal triangular

com bico virado para a direita. Bordo lateral direito ligeiramente côncavo e bordo esquerdo convexo.

Dimensões: 29mm X 22mm X 12mm.

- Uma pequena lasca de quartzito castanho, de técnica Tayac com plano de percussão liso e bolbo na base do anverso. Retocada em raspador duplo, convexo no bordo esquerdo e côncavo no bordo direito do reverso. Extremidade superior encurvada e retocada.

Dimensões: 45mm X 36mm X 12mm.

- Dois raspadores duplos, côncavos no bordo esquerdo do anverso e convexos no bordo direito. Retocados em todos os bordos e na extremidade superior.

Dimensões do mais achatado:

36mm X 29mm X 10mm.

Dimensões do mais espesso no bordo direito:

33mm X 23mm X 11mm.

- Uma lasca inclinada para a esquerda, com ponta triangular larga, na extremidade superior.

Dimensões: 50mm X 29mm X 9mm.

- Uma pequena lasca alongada, sublosangular, irregular, com reverso de plano de separação. Anverso com bordos laterais em zig-zag, retocados para servir de raspador duplo convexo-côncavo. Aresta longitudinal ao longo do bordo esquerdo.

Dimensões: 41mm X 22mm X 11mm.

- Uma pequena lasca encurvada com reverso de plano de separação e com retoques num bordo rectilíneo. Anverso retocado em toda a periferia e afeiçãoado em raspador duplo convexo-côncavo (Fig. 3, nº. 2).

Dimensões: 26mm X 20mm X 8mm.

- Uma lasca com reverso de plano de separação. Anverso de secção transversal subtriangular, percorrido por aresta central encurvada. Bordos laterais retocados em raspador convexo no bordo direito e côncavo no bordo esquerdo (Fig. 6, nº. 19).

Dimensões: 46mm X 33mm X 15mm.

Raspadores duplos côncavos

- Um raspador espesso de forma subtriangular utilizado como raspador duplo côncavo, com concavidade mais

acentuada no bordo direito. Reverso de secção transversal subtriangular com aresta central encurvada. Anverso cavado, com aresta longitudinal central.

Dimensões: 54mm X 33mm X 23mm.

- Uma lasca alongada torcida, com reverso de plano de separação e bolbo na base. Reverso de secção transversal subtriangular, percorrido por aresta central. Bordos laterais retocados em raspadores duplos côncavos. Extremidade superior afeiçãoada em raspador transversal inclinado (Fig. 5, nº. 15).

Dimensões: 50mm X 31mm X 15mm.

Raspadores duplos convergentes

- Uma lasca subtriangular de quartzo, «de técnica Tayac», afeiçãoada em raspador duplo convergente. Reverso de plano de separação com bolbo e plano de percussão na base, ligeiramente inclinada da direita para a esquerda. Bordo esquerdo do reverso apresentando uma faceta longitudinal com alguns retoques de regularização. Anverso bem retocado no bordo esquerdo e mal no bordo direito, rebaixado (Fig. 4, nº. 9).

Dimensões: 45mm X 31mm X 16mm.

- Duas peças de sílex, subtriangulares, arredondadas na parte inferior, trabalhadas em toda a periferia. Extre-

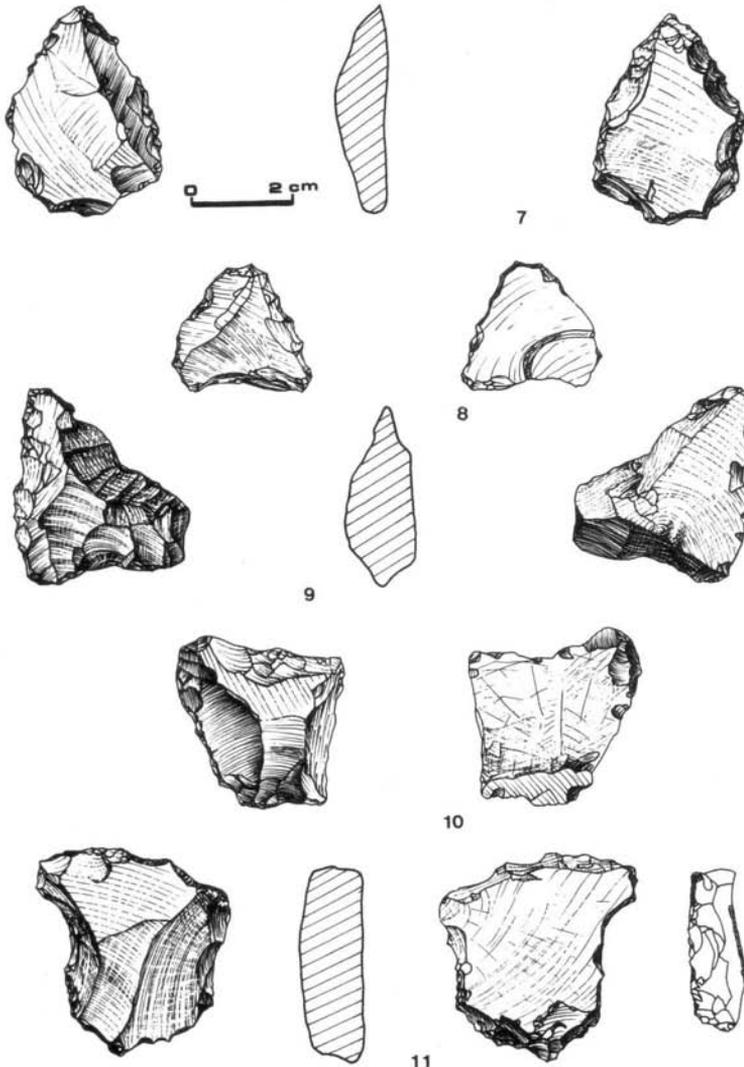


Fig. 4 — 7: Raspador duplo convergente; 8: Raspador duplo convergente; 9: Raspador duplo convergente em quartzo; 10: Raspador transversal inclinado; 11: Raspador transversal inclinado.

midade superior em ponta. Bordos laterais com características de raspadores duplos convergentes, ligeiramente convexos. Extremidade inferior em forma de raspadeira. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo.

Dimensões da primeira: 38mm X 27mm X 12mm.

Dimensões da segunda: 37mm X 33mm X 11mm.

- Três raspadores duplos convergentes, um deles com ponta afocinhada.

Dimensões do maior com bordo esquerdo convexo e outro rectilíneo:

33mm X 23mm X 11mm.

Dimensões do menor: 30mm X 21mm X 7mm.

- Uma lasca de técnica tayac, de forma subtriangular lanceolada, afeiçoada nos dois bordos laterais em raspador duplo convergente (Fig. 4, nº. 7).

Dimensões: 43mm X 34mm X 12mm.

- Uma lasca subblosangular retocada nos bordos laterais em raspador duplo convergente inclinado, com extremidade superior em raspadeira afocinhada. Anverso irregular côncavo do lado direito e convexo do lado esquerdo. Reverso irregular, espesso na metade inferior do bordo direito (Fig. 7, nº. 23).

Dimensões: 50mm X 30mm X 18mm.

- Uma pequena lasca triangular retocada nos dois bordos laterais do anverso para servir de raspador duplo convergente. Base transversal com fractura mais recente. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo (Fig. 4, nº. 8).

Dimensões: 25mm X 27mm X 8mm.

- Uma lasca subpentagonal alongada, afeiçoada em raspador duplo convergente na sua extremidade superior, triangular. Reverso de plano de separação com vestígios de bolbo na base.

Dimensões: 42mm X 33mm X 12mm.

Raspadores transversais às vezes passando a raspadeiras

- Cinco raspadores transversais convexos, com reversos de planos de separação em três. Quatro apresentam base rectilínea. Os outros bordos do anverso são retocados em raspadores convexos ou ligeiramente côncavos.

Dimensões do maior: 40mm X 40mm X 17mm.

Dimensões do Nº. 21, Fig. 7, de técnica mustierense:

29mm X 32mm X 11mm.

Dimensões do Nº. 22, Fig. 7:

29mm X 35mm X 12mm.

Dimensões de outro: 27mm X 29mm X 11mm.

Dimensões do menor: 26mm X 29mm X 10mm.

- Um raspador transversal convexo com reverso de plano de separação, bolbo e plano de percussão na base. Bordos apresentando pequenos retoques em toda a periferia.

Dimensões: 26mm X 28mm X 13mm.

Raspadores transversais inclinados

- Cinco raspadores transversais inclinados, com bordos retocados no anverso. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Quatro inclinam da esquerda para a direita e um da direita para a esquerda. Um tem um bordo afeiçoado em raspador côncavo.

Dimensões do maior: 44mm X 38mm X 10mm.

Dimensões do menor: 30mm X 30mm X 8mm.

- Uma lasca com reverso de plano de separação e bolbo na base. Retocada na base e na extremidade superior. Anverso com 3 negativos longitudinais e retocado para servir de raspador transversal convexo, inclinado da esquerda para a direita, com saliência no bordo esquerdo. Bordos laterais afeiçoados em raspadores côncavos (Fig. 4, nº. 11).

Dimensões: 41mm X 41mm X 14mm.

- Uma peça subtrapezoidal afeiçoada em raspador transversal dissimétrico. Reverso de plano de separação com bolbo na base, inclinada. Técnica Tayac. Anverso retocado nos bordos laterais em raspadores côncavos. As 3 saliências da periferia são afeiçoadas em raspadeiras (Fig. 4, nº. 10).

Dimensões: 25mm X 40mm X 19mm.

- Três lascas retocadas em raspadores transversais inclinados, convexos.

Dimensões da maior: 42mm X 30mm X 14mm.

Dimensões de uma mustierense com forte saliência no bordo esquerdo do anverso:

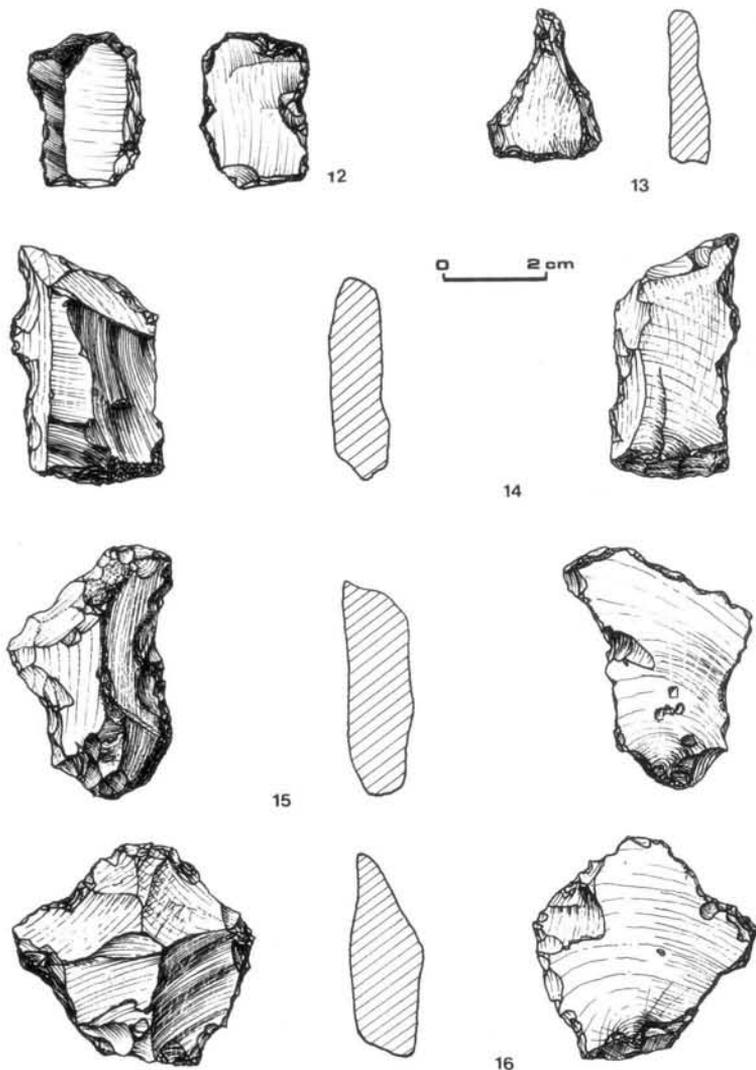


Fig. 5 — 12: Peça composta afeiçãoada em raspador e raspadeira; 13: «Tarière»; 14: Raspador duplo retilíneo-convexo-côncavo, com bico aburilado e com duas pâtinãs; 15: Raspador duplo côncavo com extremidade superior afeiçãoada em raspador transversal inclinado; 16: Raspador sub-pentagonal com saliência num dos bordos.

36mm X 33mm X 12mm.

Dimensões da menor: 33mm X 28mm X 11mm.

Peças retocadas em raspadores e raspadeiras

- Uma pequena lasca torcida para a direita, com pequenos retoques nos bordos laterais afeiçãoando-os em raspadores duplos convexo-côncavos. Extremidade superior afeiçãoada em raspadeira.

Dimensões: 26mm X 20mm X 8mm.

- Uma lasca achatada subquadrada, com retoques nos bordos, um deles afeiçãoado em raspadeira. Outro bordo apresentava vestígios de córtex (Fig. 7, nº. 24).

Dimensões: 35mm X 33mm X 10mm.

- Uma lasca alongada, de secção transversal subtrapezoidal, retocada em raspadeira convexa na extremidade superior do anverso e em raspador nos dois bordos laterais, ligeiramente convexo o bordo direito e um pouco côncavo o bordo esquerdo. Base truncada transver-

salmente. Reverso de plano de separação (Fig. 5, nº. 12).

Dimensões: 31mm X 23mm X 8mm.

- Quatro raspadores duplos, estreitos na base, mais largos e arredondados na extremidade superior, afeiçãoada em raspadeira. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Retocados em raspador convexo num dos bordos e raspador côncavo ou convexo-côncavo no outro. Um deles é convexo e rectilíneo.

Dimensões do maior: 46mm X 30mm X 11mm.

Dimensões do menor: 41mm X 26mm X 13mm.

- Uma pequena lasca afeiçãoada em raspador côncavo num dos bordos e em raspadeira no bordo contíguo.

Dimensões: 27mm X 21mm X 10mm.

- Uma lasca achatada de forma oval com reverso de plano de separação retocado no bordo lateral direito. Anverso com retoques em toda a periferia, realizando um raspador oval subcircular. Extremidade superior afeiçãoada em raspadeira (Fig. 3, nº. 5).

Dimensões: 52mm X 33mm X 10mm.

Raspadeiras

- Cinco raspadeiras sobre lascas de formas diversas.

Dimensões da maior, de forma estreita e alongada:

44mm X 27mm X 15mm.

Dimensões da menor: 24mm X 17mm X 15mm.

Raspadores diversos

- Duas pequenas lascas subtriangulares, retocadas em toda a periferia e com bico terminal. Numa delas a extremidade superior é afeiçãoada em raspadeira. Reverso de planos de separação.

Dimensões da maior: 27mm X 16mm X 8mm.

Dimensões da menor: 23mm X 13mm X 8mm.

- Duas lascas de forma subpentagonal. Uma delas é aparentada aos raspadores transversais com forte saliência num dos bordos. Reverso de plano de separação com bolbo num dos bordos.

Dimensões da primeira: 36mm X 35mm X 13mm.

Dimensões da segunda: 34mm X 35mm X 13mm.

- Duas lascas retocadas com bico mais ou menos saliente na parte superior.

Dimensões da primeira: 37mm X 26mm X 9mm.

Dimensões da segunda: 35mm X 25mm X 9mm.

- Uma lasca mustierense, arredondada. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Retocada na extremidade superior e nos bordos laterais em raspador com gume ocupando mais de metade da periferia.

Dimensões: 30mm X 28mm X 10mm.

- Um fragmento de sílex afeiçãoado em ponta espessa, triangular, num dos bordos e em raspadeira larga no outro.

Dimensões: 43mm X 41mm X 24mm.

- Uma pequena lâmina de secção transversal subtrapezoidal, retocada no bordo esquerdo do anverso em raspador convexo e no bordo direito em raspador subrectilíneo. Extremidade superior de forma aburilada. Reverso de plano de separação com bolbo na parte superior do bordo direito.

Dimensões: 37mm X 21mm X 10mm.

- Uma lasca encurvada com reverso de plano de separação e bolbo na base. Anverso saliente percorrido por aresta central também encurvada.

Dimensões: 45mm X 30mm X 18mm.

Lascas sem retoques

- Três lascas não retocadas «de técnica Tayac».

Dimensões da maior: 36mm X 26mm X 3mm.

Dimensões da menor: 31mm X 25mm X 11mm.

- Duas lascas não retocadas atípicas.

SÉRIE II – MUSTIERENSE DE COR ACASTANHADA MENOS INTENSA E QUASE SEM BRILHO

Raspadores simples

- Um raspador simples convexo sobre lasca encurvada.

Dimensões: 40mm X 18mm X 9mm.

- Um raspador simples convexo-côncavo, alongado, de forma subblosangular, trabalhado no bordo esquerdo.

Dimensões: 46mm X 30mm X 45mm.

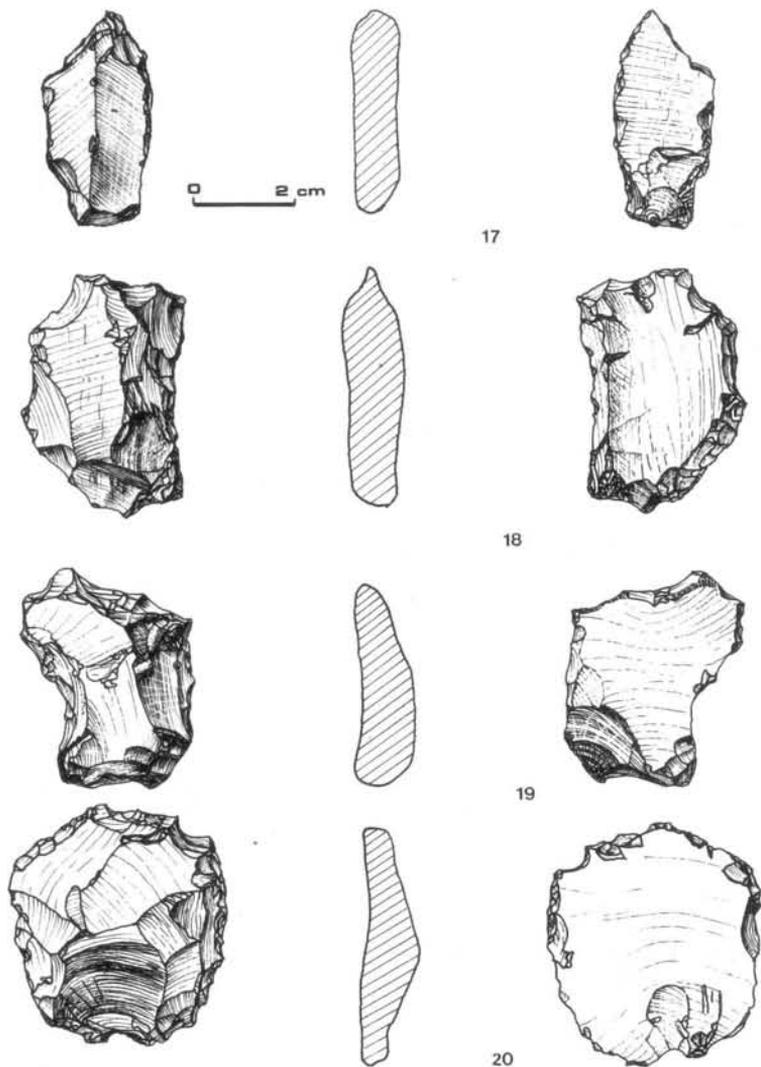


Fig. 6 — 17: Raspador duplo convexo-rectilíneo com ponta aburilada; 18: Raspador simples convexo; 19: Raspador duplo convexo-côncavo; 20: Raspador sub-circular, com bordo denticulado.

Raspadores duplos convexos

- Dois raspadores duplos convexos. Um deles com base estreita e extremidade superior larga arredondada. Reverso de plano de separação com bolbo na base.

Dimensões: 40mm X 32mm X 12mm.

O segundo, de técnica mustierense, tem uma extremidade superior arredondada com bico.

Dimensões: 36mm X 31mm X 13mm.

Raspadores duplos convergentes

- Um raspador duplo convergente com base inclinada da direita para a esquerda. Extremidade superior em ponta triangular.

Dimensões: 39mm X 34mm X 4mm.

- Outro sobre lasca triangular encurvada para a direita, tem base transversal côncava. Anverso percorrido por aresta longitudinal central. Secção transversal subtriangular.

Dimensões: 40mm X 27mm X 13mm.

Lascas retocadas

- Uma lasca retocada, de técnica mustierense.

Dimensões: 31mm X 25mm X 8mm.

- Três lascas atípicas retocadas.

Dimensões da maior: 29mm X 30mm X 9mm.

Dimensões da menor: 33mm X 22mm X 7mm.

Lascas sem retoques

- Uma lasca alongada, não retocada com base estreita, parte média larga, arredondada e extremidade superior com bico central.

Dimensões: 48mm X 34mm X 11mm.

SÉRIE III — PÓS-PALEOLÍTICO (?) EM SILEX ACINZENTADO, SEM BRILHO E COM ARESTAS VIVAS

- Três lascas residuais, umas das quais «de técnica Tayac».

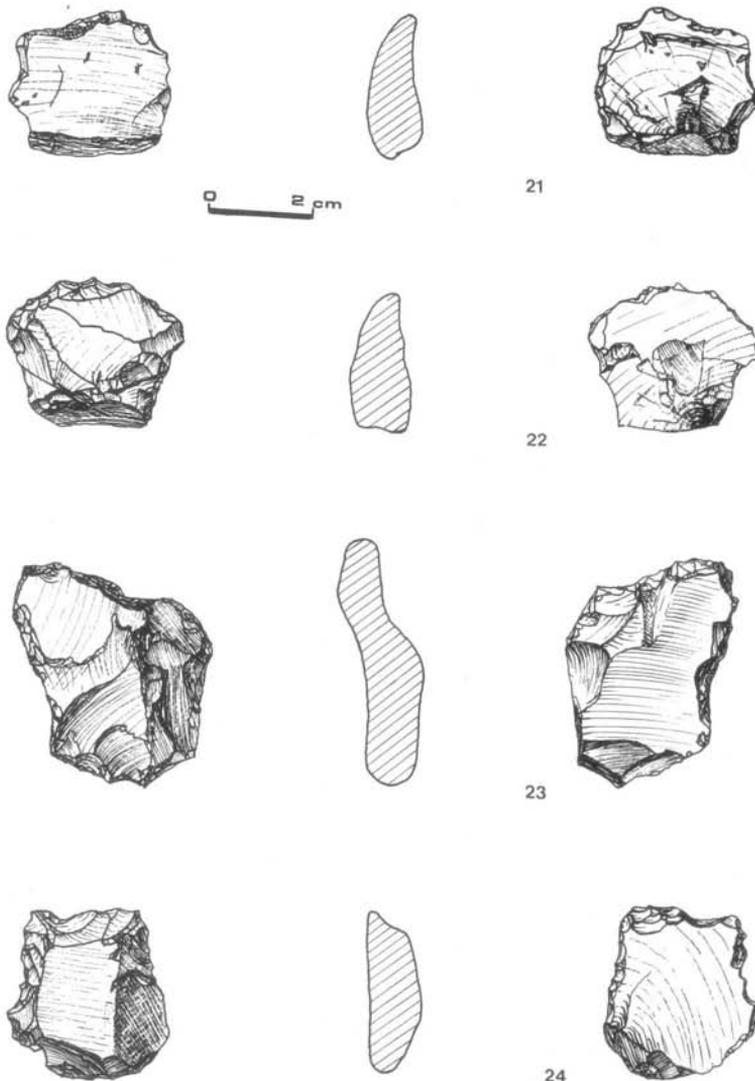


Fig. 7 — 21: Raspador transversal com aspecto de raspadeira; 22: Raspador transversal com aspecto de raspadeira; 23: Raspador duplo convergente dissimétrico; 24: Peça compósita, afeiçoada em raspador e raspadeira.

Dimensões da maior: 36mm X 25mm X 15mm.

Dimensões da menor: 33mm X 23mm X 7mm.

Considerando o total das 128 peças estudadas verifica-se a seguinte distribuição:

3 — CONCLUSÕES

F. Bordes (1970) propôs o estudo dos conjuntos líticos a partir de 3 agrupamentos elementares, a saber:

- Utensílios afeiçoados;
- Utensílios «a posteriori», com traços de utilização;
- Lâminas e lascas «em bruto» ou possuindo vestígios de utilização equívocos.

Desta forma, a procura de traços de utilização pertence à tipologia funcional, enquanto que a caracterização do estilo pertence à tipologia morfológica. Estes dois aspectos deverão ser retidos para a classificação. Ambos correspondem a caracteres intrínsecos dos artefactos resultantes de gastos sobrepostos, executados uns no decurso da sua produção e outros já como consequência da sua utilização.

Outra ordem de caracteres que os artefactos evidenciam, foram adquiridos após o seu fabrico e uso e dependem do meio natural em que estiveram integrados ou seja das acções químicas e mecânicas a que foram sujeitos. Referimos-nos ao aspecto adquirido pelas superfícies dos artefactos em face das diferentes exposições e respectiva intensidade e da natureza petrográfica da matéria prima. Já anteriormente tivemos ocasião de referir as principais limitações e os cuidados a ter em conta na aplicação deste método (Zbyszewski e al., 1978). Será sempre um elemento complementar na análise de artefactos de superfície. Relativamente a estes, chama-se a atenção para o facto de muitos fragmentos de sílex poderem apresentar os bordos aparentemente retocados conferindo-lhes aspecto de utensílios afeiçoados ou pelo menos com vestígios de utilização (utensílios a posteriori), quando na realidade tais caracteres se devem unicamente a acções de crioturbação tal como foi salientado por F. Bordes (1970). Não raros são os fragmentos deste tipo que ocorrem nas antigas colecções dos arredores de Lisboa.

Série I — Mustierense — Peças com patina eólica e forte coloração

✓ Núcleo subdiscoidal	10
✓ «Tarière» (Broca)	1
✓ Raspadores simples rectilíneos	5
✓ Raspadores simples convexos, um dos quais com extremidade em forma de buril	8
✓ Raspadores simples convexo-côncavos com extremidade superior em forma de raspadeira	1
✓ Raspadores duplos rectilíneos	1
✓ Raspadores duplos convexos e rectilíneos, dos quais um com extremidade superior em bico e 2 com extremidade superior em ponta aburilada	4
✓ Raspadores duplos côncavos e rectilíneos, um dos quais terminado em bico na parte superior e outro com duas patinas (II e III)	4
✓ Raspadores duplos convexos e côncavos	9
✓ Raspadores duplos côncavos, um dos quais com extremidade superior em raspador transversal inclinado	2
✓ Raspadores duplos convergentes, dos quais um terminando em raspadeira afocinhada	10
✓ Raspadores transversais	6
✓ Raspadores transversais inclinados, um com plano de percussão liso e outro facetado	10
Raspadeiras	5
✓ Raspadores diversos	10
✓ Lascas «Levallois» retocadas em raspador e raspadeira	1
✓ Lascas retocadas diversas das quais uma com plano de percussão liso e outra com plano de percussão facetado	21
✓ Lascas sem retoques das quais 3 com planos de percussão lisos	5

Série II — Mustierense de cor acastanhada menos intensa e quase sem brilho

✓ Raspadores simples convexos	1
✓ Raspadores simples convexo-côncavos	1
✓ Raspadores duplos convexos com base estreita e extremidade superior larga arredondada	2
✓ Raspadores duplos convergentes	1
✓ Lascas retocadas das quais 1 mustierense e outra atípica	4
✓ Lascas sem retoques	1

Série III — Pós-Paleolítico (?) em sílex acinzentado, sem brilho e com arestas vivas

Lascas residuais, das quais uma com plano de percussão liso 3

Como conclusões gerais, verifica-se que na série mustierense mais antiga são as peças compósitas as melhor representadas, afeiçãoadas em raspadores e raspadeiras, sucedidas, por igual número de exemplares, dos raspadores duplos convergentes, dos raspadores transversais inclinados (déjetés) e dos raspadores diversos. Outros artefactos, como os buris ou pontas aburiladas, os bicos (becs) e as «Tarières», estão muito mal representados. Melhor representadas se encontram as raspadeiras.

A série mustierense mais recente, constituída apenas por 10 exemplares é constituída ao nível de utensílios afeiçãoados, apenas por raspadores, embora de muito variada tipologia. Quanto à série mais recente, representada apenas por três lascas residuais desprovidas de pátina e com arestas vivas, pertence já provavelmente à época pós-paleolítica.

As informações fornecidas por este conjunto, do ponto de vista técnico são, naturalmente muito reduzidas, já que os elementos mais adequados a tal fim — os instrumentos «a posteriori» e as lâminas e/ou lascas em bruto conservando os atributos originais, estão muito mal representadas, no conjunto estudado. Reconhecem-se no entanto várias lascas mustierenses características deste período, afeiçãoadas em artefactos.

Em resumo trata-se, como sempre no caso das indústrias encontradas nos afloramentos do Complexo basáltico de Lisboa, de um conjunto de instrumentos de épocas diversas, a maior parte de sílex e alguns de quartzito, de cor predominante castanha clara, com patinas devidas a eolização, ao rolamento e sobretudo a impregnação de óxido de ferro, originário dos terrenos basálticos onde estas indústrias jazem.

4 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se disse anteriormente a única informação que dispomos de jazidas paleolíticas dos arredores de Lisboa, são as antigas colheitas, já que actualmente grande parte delas foram destruídas pela expansão urbanística da capital, verificada nos últimos 20 anos. Desta forma estaremos quase sempre limitados ao material recolhido segundo métodos e critérios que hoje nos escapam. Inviabilizando assim o estudo estatístico das indústrias já de si bastante discutível «a priori» por se tratar de jazidas desprovidas de interesse estratigráfico, restamos a análise morfo-técnica e tipológica dos materiais conservados em diversos museus. Este estudo, a ser metodicamente prosseguido, possibilitará talvez a resposta a várias questões, após o estudo de um número significativo de jazidas ficando nas novas preocupações as seguintes:

— Todas as jazidas evidenciarão idênticas sucessões industriais? Ou pelo contrário, será possível isolar variações industriais de jazida para jazida e/ou dentro de cada uma delas? Qual o significado de tais variações? (Por exemplo, ao nível do aumento ou diminuição da população que frequentava esta região).

— Qual a relação destas indústrias, essencialmente de sílex, com as da região de Rio Maior? E com as recolhidas nas grutas da Estremadura, ainda tão insuficientemente conhecidas?

— Quais as relações entre estas populações e as que presumivelmente na mesma altura ocupavam a margem esquerda do estuário do Tejo, nomeadamente a região de Alcochete?

— Por fim, a partir do estudo morfo-técnico e tipológico da utensilagem obtida sobre seixos quartzíticos, será possível estabelecer comparações e relações com as indústrias «languedocenses»? Por outras palavras qual o componente paleolítico do chamado «Languedocense»?

São perguntas a que só o estudo continuado doutras jazidas permitirá responder. Até lá, certas questões, já hoje clássicas como o significado da existência de vários mustierenses, não terão certamente cabimento legítimo nas preocupações dos que entre nós se dedicam ao estudo do Paleolítico inferior e médio como bem salienta L. Raposo (1984). Daí que, talvez pela pobreza de elementos sobre o Mustierense do nosso País, ele nem seja sequer referido por F. Bordes (1981).

NOTA

- (1) Considerada monumento nacional pelo Decreto nº. 516/71, de 22/11, a sua destruição foi denunciada pela Comissão Interconcelhia para a Protecção do Património Histórico-arqueológico dos Concelhos de Cascais-Oeiras-Sintra (ver p. ex. *Jornal da Costa do Sol*, de 21/12/77).

BIBLIOGRAFIA

- BORDES, F. (1950) — Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage et de typologie du Paléolithique ancien et moeyn. *L'Anthropologie*, T. 54.

BORDES, F. (1970) — Réflexions sur l'outil au Paléolithique. *Bull. Soc. Préhist. Fr.*, T. 67-7.

BORDES, F. (1981) — Vingt-cinq ans après: le complexe moustérien revisité. *Bull. Soc. Préhist. Fr.*, T. 78-3.

FONTES, J. (1910) — Estação paleolítica do Casal do Monte. *O Arqueólogo Português*, Vol. XV. Imprensa Nacional, Lisboa.

PAÇO, A. DO (1932) — *Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal*. Trab. Assoc. Arq. Port., Vol. I. (In *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, Vol. I. Assoc. dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1970).

PAÇO, A. DO (1940) — Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *1.º Congresso do Mundo Português*. Vol. I, Lisboa.

RAPOSO, L. (1984) — Problemas actuais do Paleolítico português. Em publicação.

TAVOSO, A. (1976) — L'Acheuléen dans le bassin du Tarn. *IX.º Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas*, Nice.

ZBYSZEWSKI, G. (1943) — La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire du Portugal en 1942. Instituto para a Alta Cultura, Lisboa.

ZBYSZEWSKI, G. e CARDOSO, J.L. (1978) — As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do baixo Tejo. *Comunic. Serv. Geol. de Portugal*, T. LXIII, Lisboa.

Acaba de ser editado o Vol. 2, da série IV, de

«O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS», referente a 1984, pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

com artigos de J. Zilhão (Solutrense de Torres Vedras), L. Raposo e A. C. Silva (Languedocense) e A. M. Soares e J. M. P. Cabral (datas C14 para estações portuguesas).